

A Fragilidade do Símbolo (Pedindo Permissão para Filosofar)

Estamos ainda longe de pensar, com suficiente radicalidade, a essência do agir. ...Mas a essência do agir é o consumir. Consumar significa: desdobrar alguma coisa até a plenitude de sua essência; levá-la a plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aquilo que já é. O que, todavia, “é”, antes de tudo, é o ser. O pensar consome a relação do ser com a essência do homem. O pensar não produz nem efetua essa relação. Ele apenas oferece-a ao ser, como aquilo que a ele próprio foi confiado pelo ser. Esta oferta consiste no fato de, no pensar, o ser ter acesso a linguagem. A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam a linguagem e nela a conservam. (Heidegger).

Penso com a Alma (Aristóteles)

Penso onde não sou e sou onde não penso (Lacan)

E existiria o ser se não existisse a palavra ser? (Lacan)

Esqueci a palavra que pretendia dizer e o meu pensamento, desencarnado, volta ao reino das sombras.
(De um poema de Mandelstam).

A palavra que nos indica o objeto da ciência dos sinais – semiótica - é *signo*, sinal, como no uso comum de ‘significa’. Os signos são divididos em *ícones*, *índices* e *símbolos*, como sabemos de Peirce. O signo é, necessariamente, algo abstrato, que está em alguma relação de representação para algo concreto ou abstrato que é o objeto que representa, para gerar significado para um interpretante. São, portanto, três vertentes: o signo, o objeto e o interpretante. Se não existir interpretante, não há signo, daí ele ser abstrato, pois o sentido é gerado sempre em subjetividades. As letras deste texto, sem interpretantes, não são signos. Eles podem estar mais ou menos próximos ao objeto, ao interpretante ou ao signo mesmo. O *índice* não pode dispensar o objeto para significar, como uma seta que aponta o objeto; sem o objeto ela não teria sentido, não significaria. São o que chamamos *indícios* na clínica. Cores exuberantes e muito perfume indicam flores e euforia. Fumaça indica fogo. Nuvens rabo-de-galo, chuva. Olhar de soslaio, desconfiança. Tudo muito próximo do objeto, de modo que, se o objeto não existir junto ao *índice*, não gerará significado para o interpretante. O índice está fisicamente conectado com seu objeto, formando um par indissociável cuja relação não é gerada pela mente interpretante. Não é a mente interpretante que cria a conexão entre o índice e o objeto, ela simplesmente observa essa conexão. É o índice que permite a *Alethea* – verdade – grega: um conceito representação quase preso a um objeto no presente, ao qual se pode aplicar os 4 princípios da razão: identidade, não-contradição, terceiro excluído, razão suficiente.

O *ícone* é um signo cujas condições de significação não precisam da presença de seu objeto e sequer de sua existência concreta, coloca-nos, então, em relação com o ausente. Diferentemente do *índice*, o *ícone* não tem conexão dinâmica alguma com o objeto que está representando. Ocorre que ele preserva qualidades em comum com o objeto que representa o que faz com que nossa mente interprete as semelhanças e evoque a representação do objeto. Não é possível, porém, estabelecer conexões concretas entre um ícone e seu objeto representado. É o caso de uma pintura e a paisagem que representa; de uma fotografia e a pessoa concreta representada; da relação conflitiva com os pais na infância e, depois, o choque com autoridades. Diferente do *índice*, a mente interpretante é bem mais operativa na busca de qualidades em comum entre o *ícone* e o objeto. Estamos, agora, às voltas com o *véritas* latino: verdade que busca definir o que aconteceu no passado e dependente do interpretante; é matéria de opinião, diríamos.

O *símbolo* representa, através de convenções sociais, normas tácitas ou explícitas. A palavra – convencional, articulada e consensual – é o *símbolo* por excelência, o signo linguístico de

Saussure. A única coisa que conecta uma palavra ao seu objeto – concreto, abstrato, uma relação - é a ideia convencionalizada da mente que usa o símbolo; mais nada, tanto que uma palavra pode significar muitas coisas ao ser compreendida de modo aberto. Estamos imersos neste universo da palavra que abarca e discursa sobre os demais e perdemos a perspectiva que estamos diante do *Emunah* hebraico, uma verdade convencionalizada, um conjunto de acordos de confiança voltados para o futuro.

O signo linguístico de Saussure é um ente social e abstrato e só ocorre em nossas mentes, assim como as regras sociais todas, embora a dureza concreta consequente a seus descumprimentos. Ele distinguiu claramente entre *langue* e *parole* e avisou que, no momento, só interessava como objeto a *langue*. Resulta da junção de um conceito – significado (*signifié*) – com uma imagem sonora - o significante (*signifiant*). A relação entre o significado e o significante é convencionalizada e antecede ao falante e ele está proibido de modificar isto sob pena de ser excluído do grupo onde vive. A propriedade mais impressionante destes sinais é sua articulação dentro de uma estrutura em que recebem sentido pelo que é ausente, negativo. *Menino* só ganha sentido porque se contrasta numa rede significativa com *animal, homem, mulher, menina, bebê, criança, etc. etc.* Este signo é visível (audível) pelo significante – marcas sonoras dadas pela cultura que o falante com o LAD (*language acquisition device*) de Chomsky terá de decodificar. Chomsky reparou que as crianças não *adquirem* (que não é o mesmo que *aprendem*) a linguagem apenas por imitação; quem não viu um fedelho dizer *ele fez*? Esta maravilha prova que existe uma máquina buscando regras que decomponham a língua. Só mais tarde ele descobrirá que para os verbos de segunda conjugação, há uma irregularidade, isto é, que a regra que o aparelhinho dele descobriu não vale. Introduziu, então, o falante – a *parole* – com os conceitos de *competência* e *desempenho* linguístico, além de um conjunto notável de conceitos muito complexos. Voltando ao signo de Saussure, é bem possível, com Chomsky, que a rede estrutural seja a sintaxe, isto é, o modo como uma palavra deve se seguir a outra e como elas devem ser distribuídas na fala para gerar o significado. Fica bastante clara, agora, a preferência social de Lacan: significante para marcas externas – constitutivas de subjetivação.

Mas, pior, as coisas são bem mais complicadas. Vamos a um exemplo: '*Aquele que...*' São duas palavras estranhas comparadas a '*menino*' – '*aquele*' acarreta logicamente um conhecimento comum entre os falantes – os outros estão fora – e o denotado, o indicado pode mudar de acordo com o contexto verbal e para-verbal. O '*que*' é uma palavra fechada que, no caso, limita o '*aquele*' a um dado membro do conjunto de '*aqueles*' do dado contexto de conhecimento dos falantes. Já não podemos mais saber do que se trata: o sistema fica aberto e o que o fecha é o contexto determinado pelos falantes; só então o sentido fica cristalizado. Repare-se que '*sentido*' é o *hard core* do significado. Acontece o mesmo com o '*aqui*' que é perto do falante; com o '*lá*' que é longe do falante e do ouvinte e com o '*ali*' que é perto dos dois. A característica destas palavras em discussão é que '*indicam*', são elementos *dêiticos*, apontam, amarrando o que é dito com o contexto onde o dito foi dito, como se os *índices* de Peirce tivessem invadido seus *símbolos*. Existem inúmeros campos da linguística que se ocupam destas questões: de um lado a teoria das implicaturas e os atos de fala e, de outro, a análise do discurso. Acrescente-se ainda que conhecemos a fala por outro código, raramente fiel, a escrita!

Diante disso, é fato que fiquemos perplexos quando alguém diz que '*segue estritamente as associações de seu paciente*'. Embora, se aplicarmos os conceitos acima ao '*segue estritamente...*' no qual, provavelmente, o sentido é '*tomo cuidado para não transferir, limitando-me a contra-transferir...*', pois devemos evitar tomar o dito como estritamente dito, desconsiderando o contexto. No caso, se tomássemos ao pé da letra, estaríamos considerando o colega ingênuo; isto é, isso só seria possível neste contexto: *se o colega fosse ingênuo*.

Antes de adentrarmos no símbolo de que a linguagem verbal e para-verbal é invólucro, vamos a mais alguns conceitos. Atribuímos à linguagem funções indicativas ou denotativas, comunicativas, expressivas e conotativas; assim ela nos relaciona com o mundo e se relaciona ao

mundo. Interessa-nos, em especial, a função *denotativa* – dizemos que o branco *denota* o conjunto de objetos brancos e *conota* a brancura - da linguagem em que ela regula, apoia nossa senso-percepção, indicando, referenciando coisas no mundo e em nós. Mas ela também *conota*, refere-se aos sentidos dessas coisas no mundo e o expandem. Criam realidades e muito por isso conversamos e lemos. Criam mundos, revolucionam! Não são portanto, apenas sinais para indicar coisas que já existem. Na verdade, boa parte das coisas só existem na linguagem. Isso coloca a questão de se as palavras realmente dizem as coisas tais como são e se elas descrevem verdadeiramente a realidade, mas aí iríamos muito longe. Ora é relevante indicar que é na função *conativa* da linguagem que reside seu potencial terapêutico, impossível sem *insight* e sem imaginação. Ela nos faz pensar, sentir, compreender e expandir nossos limites, pois as palavras têm sentidos e criam novos sentidos.

A ideia de Saussure foi ampliada para inúmeras áreas de conhecimento humano abstrato. Tomado um elemento extraído da observação – o signo linguístico – é possível observar em muitas línguas como ele se articula e como eles se relacionam, permitindo a descrição de regularidades estruturais. Considerada a *interdição do incesto*, é possível descrever os inúmeros modos como os papéis de pais, mães, filhos e outros membros compõem o que chamamos de família. Ou os inúmeros modos como o Complexo de Édipo e sua face interditória, a castração, com o braço da repressão é oferecido pela estrutura familiar como marca constitutiva subjetivante.

Estamos às voltas com algo vivo, portanto, mutável e muito ativo; as línguas mudam, os signos mudam e também os significantes. Devemos evitar a leitura que trazemos de nossa experiência vivida; nosso conceito de família e sujeito nunca dará conta dos conceitos de gerações atuais, às voltas com o término de recursos naturais, o reforço do conhecimento como valor fundamental, enquanto nossos valores estão mais na experiência de estarmos vivos e sua transitoriedade perplexizante – o existencialismo pós-guerras. Somos de um tempo em que o exercício da genitalidade e seus ‘pecados’ era a experiência ansiada, necessariamente presa a vínculos matrimoniais. A ‘ficância’ da geração atual realiza os anseios da geração anterior e antecede algo que poderíamos chamar, com parâmetros, referindo-se a experiências de nossa geração, de vínculo matrimonial. A geração atual se interessa muito pouco por pornografia, só não vê quem não quer. Não há fragilidade; há mudança. O discurso da fragilidade é ideológico e necessário, pois representa a voz de uma geração agonizante; a de que só se é feliz se subjetivado dentro de estruturas vinculares matrimoniais da geração passada.

Por que a capacidade simbólica, o símbolo, nos interessa? E, destes, o que mais nos interessa? A resposta é de Cassirer: *as formas simbólicas são os estados progressivos do aparecimento da consciência; somos ‘homo symbolicus’*. Nosso ego constitui-se de símbolos – representações – e, fundamentalmente é um criador delas. Não deixa de ser curioso que as estruturas psicológicas clássicas podem ser apostas em conformidade com sua complexidade aos conceitos de signos de Peirce. Os pobres em imagética para-verbal para não dizer em metáforas e metonímias, usam *índices* predominantemente. O que não quer dizer que não sejam excelentes máquina-símbolos, cada vez mais necessários para a manutenção de nossas redes e para a evolução tecnológica: hiperprosélicos, olhar de soslaio e dedos muito ágeis. E achamos que são narcisistas supondo que se vinculam pouco e interpretamos os dedos ágeis, grosseiramente, como autoerotismo... Os bons em imagética e pobres em metáforas e metonímias usam *ícones* e, finalmente, os bons com o uso da linguagem – como a ‘guirlanda de flores’, no dizer de Meltzer, do Caso Dora, *simbólicos*. De qualquer modo, como nos ocupamos de sistemas para-verbais, o essencial para nós é a tramitação icônica e simbólica, sempre dominantes na nossa prática. Recebida a informação no nível icônico, devemos nos perguntar sempre por que ela não foi emitida no nível simbólico. Por que não foi dita com o componente semântico convencional para o dito.

Seguramente, Bion tem a melhor teoria a respeito: a teoria das *transformações*, essencialmente icônica. Ele ocupa-se com os invariantes que permanecem e que permitem a leitura da paisagem original. No lugar de *invariantes*, seriam, para Peirce, as *qualidades* remanescentes. *Transformações* do quê? Das fantasias originárias e seus derivativos primários. Em quê? Em

símbolos que seriam derivativos secundários. Interessa saber quais regras são usadas para a transformação, pois aí reside realmente a capacidade simbólica. Todos temos a noção clara de que o perverso, que relata em detalhes sua perversão e mostra como bem compreende seus feitos, marca o encontro por um movimento, uma ação; não há experiência de imaginação, *insight*. Evidente que vemos todos os dias variantes atenuadas disto. Ele chamou isto de *transformação em K*: mostra um *knowledge* vazio. Aos conhecidos *acting-in*, *acting-out* e *enactment*, ele nominou transformação em ato (equação simbólica) e estamos muito próximo do índice; mais próximo disso está uma tatuagem e, depois, quadros psicossomáticos. Quando somos a consciência do paciente – não sabemos disso – e ele diz coisa que fica impossível compreender; isto é, existe a premissa de que ele está dentro de nós e que nós devemos, portanto compreendê-lo, mas não o conseguimos, ele chamou de transformação projetiva – no sentido matemático, de distorção. A fala da pessoa surpreende pois não conseguimos nos localizar; a coisa funciona como se fôssemos a consciência dela, capaz de organizar a confusão. A transformação mais icônica e clássica dos neuróticos – desenvolvem transferência - ele chamou de *movimento rígido (moção fixa)*, pois se estivermos em atenção flutuante, as invariantes saltam em nossa mente e nos localizamos em relação à paisagem originária. Como num sonho com *uma boneca que precisa ser dada; aliás, onde será que ela anda, onde foi esquecida, um ferro, parece da academia que muda de forma e fica mais amolecido e que tem e fazer movimentos para cima para baixo* (mostra). A questão que se coloca, é por que essa é a transformação e por que isso não pode ser dito diretamente ao analista, o que permitiria a transformação e **O** (origem, zero), que nos atira na experiência plena do humano. Devemos admitir que existem situações mais complexas, de difícil descrição, em especial quando o reprimido retorna via identificação e o reprimido é o sistema mnêmico da analista, que deixa marcas de subjetivação, às vezes mimético adesivas, às vezes em expansão, nossa preferência, pois tudo que podemos desejar, se é que o podemos, são mentes em expansão.

Mas vamos aos textos!

No artigo sobre a conferência “A Psicanálise e a clínica contemporânea”, Luís Claudio Figueiredo esboça uma política de superação da era das escolas e de atravessamento dos paradigmas excludentes: pulsão ou relação de objeto; desamparo e dependência ou desejo; fantasia ou trauma; conflito ou déficit; intrapsíquico ou intersubjetivo. O autor sugere a adoção da lógica paradoxal, substituindo, em nossas formulações, o *ou* pelo *e*, mantendo a psicanálise aberta à criação e à invenção permanente.

Na sequência, Marion Minerbo analisa e problematiza alguns fenômenos contemporâneos tais como – certos tipos de violência adolescente, a *body art*, o *reality show*, a violência familiar, a prática do sexo virtual, o uso de substâncias psicoativas artificiais ou naturais (endorfinas), o consumo de *griffes*, o uso da tatuagem e o uso jovem do Orkut –. Estes temas foram debatidos nas conferências e apresentados nos artigos: “A fragilidade do símbolo: aspectos sociais e subjetivos”; “A escuta da clínica no contemporâneo”; “Depleção simbólica e sofrimento narcísico contemporâneo”.

No trabalho “Sobre-Codificación y Subjetividad: Hacia una Desrepresentación Activa”, Maria Alejandra Tortorelli argumenta uma forma de desconstrução da abordagem linguística hegemônica da subjetividade. A autora, em contrapartida ao estatuto da idéia e da força do conceito, sugere a abordagem da produção de subjetividade a partir de noções tais como ‘diferença’, ‘entre’, ‘meio’, ‘corpus’, entre outros, todos os modos do não-representável.

Com os títulos “A transmissão da violência” e “A Fragilidade do Símbolo e a Transmissão Transgeracional”, Angela Piva apresenta a noção do sujeito como elo de uma cadeia genealógica e herdeiro de complexos experienciais ancestrais. A autora propõe a transmissão como uma obrigação de trabalho psíquico, por meio de processos de ligação e elaboração, e também como ausência de representação.

Em “Idade de Latência – Estado de Latência: Um tempo imprescindível”, Maria Alice Targa e colaboradores mostram as inquietudes do tempo de latência em crianças de diferentes níveis

socioeconômicos. A partir da análise das respostas, as autoras concluem que o acesso simbólico aos jogos fantasiosos e idealizados, eventos típicos desta fase do desenvolvimento, eram mais importantes do que o poder aquisitivo.

Márcia Maria Luz da Silva, Venus Maria Nogueira e Vanderlei Bruschi de Fraga, no texto “O Vazio Existencial: de Lacan à Contemporaneidade”, encontram, nos conceitos lacanianos, entendimento para explicar hábitos contemporâneos que, reforçados pela indústria do capitalismo, estimulam o individualismo. Em uma cultura em que a alteridade e as diferenças advindas do outro são tidas como intoleráveis, o escape se dá por meio de condutas aditivas ou (hipo) maníacas.

Como fechamento desta edição, encontram-se, na última seção, denominada “Comentários Breves”, textos das psicanalistas Eliane Nogueira e Karla Ferraro, que retratam as ressonâncias gerenciadas e provocadas por essa jornada, reforçando a necessária teorização a respeito do fazer clínico.

Desejamos aos leitores uma excelente leitura!

Juliano Fontanari e Renata Dotta Panichi- Editores
Porto Alegre, Março de 2009

Heidegger, M. - *Sobre o "Humanismo"*. Carta a Jean Beaufret, Paris. In: *Os Pensadores*. Abril S. A. Cultural, São Paulo, 1979, p149; e *Sobre o Humanismo*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967, p23-24. Peirce, C.S. - *Semiótica*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1977. Saussure, F. - *Curso de Lingüística Geral*. Editora Cultrix, São Paulo, 2008, Ed 30. Hjelmslev, L. - *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1975. Chomsky, N. - *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Coleção Studium, Armênio Amado, Coimbra, 1978. Cassirer, E. - *A Filosofia das Formas Simbólicas*. Martins Fontes, São Paulo, 2001. Meltzer, D. - *O Desenvolvimento Kleiniano I. Desenvolvimento Clínico de Freud*. Escuta, São Paulo, 1989. Bion, W R - *As transformações. A Mudança do Aprender ao Crescer. Imago*, Rio de Janeiro, 1965. Fontanari, J - *A fase mítico-mística de Bion: formas simbólicas e seu uso na clínica psicanalítica. Reflexão e resenha da Grade*. Contemporânea, 2008. In: <http://www.contemporaneo.org.br>